

VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HISTÓRICA NUM SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO. MATERIAIS ROMANOS E TARDO-ANTIGOS DO CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

TRACES OF HISTORICAL OCCUPATION IN A PREHISTORIC SITE. ROMAN AND LATE-ANTIQUE MATERIALS OF THE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

António Manuel S. P. Silva

Arqueólogo. CITCEM. Universidade do Porto.

RESUMO

Durante as escavações arqueológicas realizadas no recinto monumental de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa), utilizado durante o terceiro e segundo milénios a.C., identificaram-se alguns objetos arqueológicos de cronologia histórica. O artigo apresenta e estuda uma parte desse conjunto, constituída por itens metálicos e fragmentos de cerâmica doméstica e de construção, discutindo a sua cronologia, que pode variar entre a época da ocupação romana e a Idade Média, e relação com os contextos arqueológicos de onde provêm.

PALAVRAS-CHAVE: Castelo Velho; Freixo de Numão; fíbula, fivela, cravo, cerâmica.

ABSTRACT

During the archaeological excavations carried out in the monumental enclosure of Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa), used during the third and second *millennium* BC, some archaeological objects of historical chronology were identified. The article presents and studies a part of this set, consisting of metallic items and fragments of domestic and building ceramics, and discusses its chronology, which can vary between the period of Roman occupation and the Middle Age, and relation with the archaeological contexts from which they originate.

KEY WORDS: Castelo Velho; Freixo de Numão; brooch, buckle, hobnail, ceramic.

INTRODUÇÃO

Apresentam-se nesta breve nota alguns materiais arqueológicos cerâmicos e metálicos de cronologia histórica provenientes do recinto murado de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), recolhidos nas campanhas de escavação ali realizadas nos anos de 1992, 1994, 1997 e 1998.

Aquela estação arqueológica é particularmente conhecida na comunidade científica pela importante ocupação do III e II milénios a.C. de que foi palco. O desenvolvimento de um projeto de investigação extensivo e transdisciplinar, de que resultaram numerosas publicações de referência (Jorge 1993; 1994; 1998a; 1998b; 1999; 2002a; 2004; Jorge; Rubinos 2002a; 2002b) e que culminou com um programa de conservação e musealização da estação, fazendo do Castelo Velho um dos poucos sítios monumentalizados pré-históricos visitáveis e com apoio de um centro interpretativo no Norte do País (Jorge 2002b), contribuiu para a projeção do sítio não só no plano arqueológico como também no âmbito patrimonial (Fig.1).



Fig. 1- Vista geral de Castelo Velho, após os trabalhos de musealização.

O Castelo Velho é um sítio marcado por uma implantação e espacialidade muito próprias e que foi objeto ao longo de cerca de 1800 anos de um processo de monumentalização e ritualização que o transformou de cenário e palco de eventos porventura excepcionais em agente ativo da progressiva culturalização de uma paisagem impressionante. Constitui por isso um dos recintos pré-históricos peninsulares de maior significado para a compreensão do modo como as comunidades da pré-história recente interagiram simbolicamente com o meio físico e com as comunidades vizinhas (Jorge 1998a; 1998b; 2002a; 2004).

Todavia, o Castelo Velho revelou alguns indícios de ocupação, ou pelo menos de frequência temporária, por parte de grupos humanos em épocas bem mais recentes, até agora mencionados apenas de passagem na bibliografia do sítio (Jorge; Rubinos 2002a). Se bem que escassos, tais elementos não deixam de ser significativos, quer para a perceção do modo como o sítio e a memória do Castelo Velho chegaram até nós após o seu abandono na Idade do Bronze, quer para a cartografia dos elementos romanos e de outras épocas históricas à escala regional.



Fig.2- Fragmentos de cerâmica doméstica de época tardo-antiga encontrados em Castelo Velho. Pança carenada (1) e bordo (2).

Os objetos

Os materiais arqueológicos que agora vêm a lume incluem quatro peças metálicas (uma fíbula, uma fivela de fecho de cinturão e dois pequenos cravos), onze fragmentos de cerâmica de construção (*tegula* de tipo romano) e ainda dois pequenos fragmentos de louça doméstica (ver Catálogo no final).

A cerâmica de cobertura corresponde exclusivamente a fragmentos de telha plana de rebordo, do tipo das produções romanas, com dimensões máximas variáveis entre os 7 e os 14 cm. Identificam-se vários fragmentos de rebordo lateral e de ângulo, de perfil variável (Figuras 3 e 6), o topo de uma outra *tegula* e diversos fragmentos interiores. Estas telhas foram feitas em pastas de tonalidade castanho alaranjada (*reddish brown*, na designação da escala cromática de Munsell, 1994), de cozedura compacta e bastantes elementos não plásticos, com destaque para os fragmentos de quartzo. Não obstante, a evidente similitude de aspeto e manufatura, a sua espessura parece indiciar diferentes fabricos, considerando que a maior parte dos pedaços de telha apresenta valores na ordem dos 2,4 a 2,6 cm, atingindo os 3 cm a espessura de três deles. Observa-se também assinalável variedade nas secções dos rebordos das telhas, em trapézios mais ou menos abatidos (Fig. 6), elemento que parece também denunciar diversidade de fabricos ou cronologias. Não apresentam qualquer marca ou elemento distintivo, salvo as decorrentes do molde e alisamento.

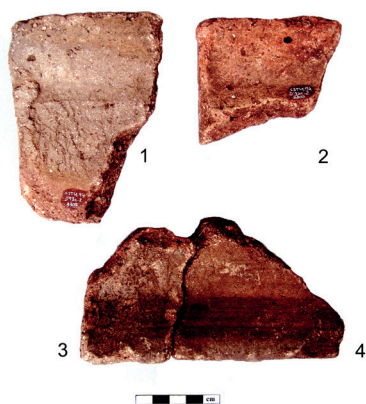


Fig. 3- Rebordos de tegulae aparecidas em Castelo Velho.

Apesar dos esforços de alguns autores para ensaiar uma classificação da *tegula* romana (Cardoso 1972; Pérez Losada 1992; Guimarães 1993), com a decorrente atribuição cronológica, é geralmente admitido que a utilidade de tais tipologias se restringe ao estudo sistemático dos materiais de cobertura de um dado sítio, ou, quando muito, a um quadro regional desde que se disponha de séries bem caracterizadas e procedentes de contextos datados com alguma segurança. Assim, não nos parece possível inferir qualquer cronologia a partir da morfologia destes fragmentos de telha de Castelo Velho, devendo no entanto sublinhar-se a ausência de *imbrex*, elemento corrente neste sistema de cobertura, falta que deverá ser acidental, considerada a dimensão da amostra.

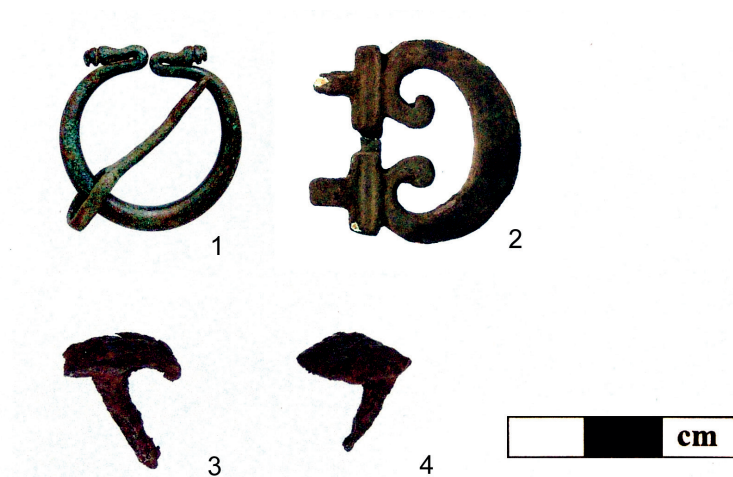


Fig. 4 - Materiais metálicos de Castelo Velho. Fíbula (1) e fivela (2) em liga de cobre; cravos em ferro.

Os restantes fragmentos de cerâmica, também de pequena dimensão, repartem-se entre um pedaço de pança e outro de bordo (Figuras 2 e 5). Este último, aparecido na campanha de 1994, é um bordo de orientação subvertical e lábio arredondado. Corresponde a uma peça rodada, bem cozida, feita numa pasta laranja-acastanhada de aspeto algo similar à das telhas, salvo naturalmente o calibre dos desgordurantes, que ainda assim são grosseiros neste recipiente, mormente os grãos de quartzo, que afloram mesmo à superfície da vasilha. Não obstante o seu escasso tamanho, o fragmento parece procedente

de um pequeno pote ovóide de colo estrangulado, rondando os 15 cm o respectivo diâmetro de boca. De pasta e aspeto muito similares, se bem que de tonalidade um pouco mais escura nas superfícies, é o segundo fragmento de cerâmica doméstica, recolhido durante os trabalhos de 1997, pertencente ao bojo de um recipiente, provido de uma carena bastante pronunciada, talvez média, correspondendo a forma impossível de determinar.

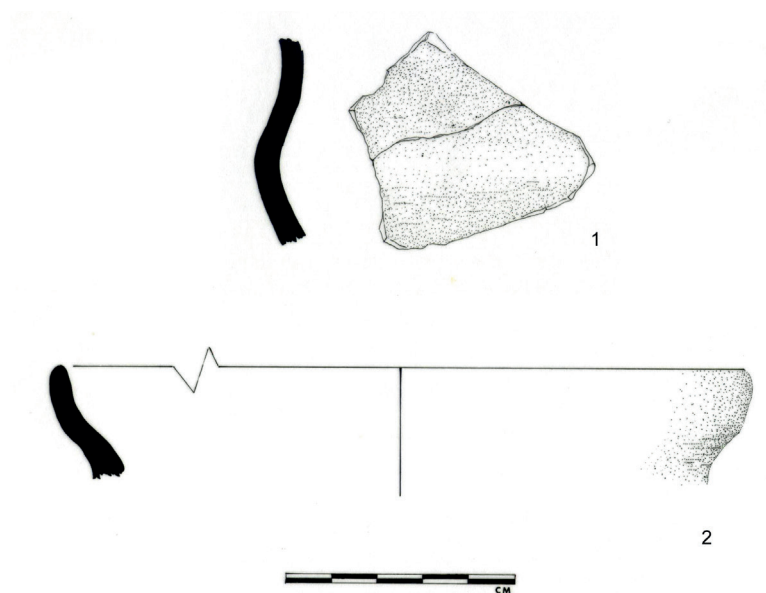


Fig.5 - Cerâmica doméstica de época tardo-antiga de Castelo Velho. Pança carenada (1) e bordo de recipiente.

Os objetos metálicos são de fácil individualização e possibilitam maior campo interpretativo e discussão. Dois são pequenos cravos em ferro forjado, exumados na campanha de 1998 (Fig. 4, 3-4). Têm tipologia e dimensões sensivelmente diferentes. O maior apresenta haste de secção quadrangular com 16 mm de comprimento, aparentemente completa, e cabeça subcircular com 15 mm de diâmetro; o menor tem uma haste de secção em fita com apenas 13 mm, também praticamente completa e a curiosidade de ligar-se à cabeça, que é subquadrangular, não no seu ponto central mas junto a um dos lados. A tipologia destes objetos não parece relacioná-los com a atividade de construção, mas eventualmente com aplicações em mobiliário ou, no caso do

mais pequeno, mesmo em calçado, podendo talvez interpretar-se como um *clauus caligae* (Bishop; Coulston 2006: 111-113; exemplo de uso em Medina 2016: 189). A sua cronologia é bastante ampla, sendo de admitir a sua atribuição à época romana ou tardo-antiga.

Completam o elenco uma fíbula e uma fivela de cinto, peças produzidas em ligas de cobre. A fíbula está completa, conservando aro e fusilhão (Figs. 4.1 e 7.1). Trata-se de uma fíbula anular romana em ómega, de aro circular e de idêntica secção, com os extremos voltados para o exterior e terminados por um espessamento com moldura anelar; o fusilhão liga-se ao corpo principal por um aro perfurado de secção circular. É uma peça muito comum em contextos romanos, correspondente ao tradicional tipo B2 de Elisabeth Fowler (1960) ou, no *corpus* inventariado para o nosso território, ao tipo Ponte B52.2a, com uma cronologia de circulação muito ampla, abarcando todo o período de ocupação romana (Ponte 2006: 394-409; 2007: 162; Mariné 2007: 135). No seu estudo sobre estes elementos de adorno nas ilhas britânicas, Richard Hattat atribui às fíbulas anulares uma ampla cronologia que vai desde a Idade do Ferro à Alta Idade Média, mas especifica para as que apresentam os terminais voltados para o exterior (em ómega) uma datação bem mais estreita, entre os séculos I a.C. e I. d.C. (Hattat 1982: 127-8; 1985: 185).

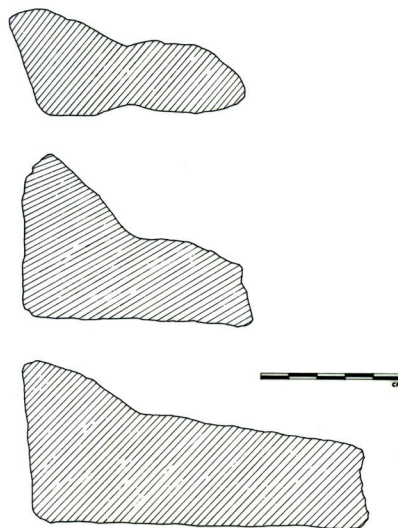


Fig.6- Secção de alguns dos rebordos de *tegula* romana de Castelo Velho.

A fivela de bronze é constituída por um aro de configuração em D com as terminações ou volutas voltadas para dentro (Figs. 4.2 e 7.2). Contra estas apoia-se a charneira, feita por duas plaquetas retangulares com dois tracinhos cavados, ornamentais, de onde saem dois aros verticais que sustentariam o eixo que prendia quer o fusilhão, quer a placa, que não foram encontrados (Arezes 2010: 108-9 e Anexos: Fv-08, Est. XXXVIII; 2011: 113-4, 217-8). A peça, que mede 26 x 25 mm de diâmetro, pode ter servido para prender um cinto, originalmente um elemento típico da indumentária militar, o *balteus*, *cingulum militiae* ou *cingulum militare* (Bishop; Coulston 2006: 106), ou também como elemento de fixação da armadura (*lorica segmentata*) ou de suspensão da espada do cinturão, como oportunamente discute J. Aurrecoechea (2002: 424) tomando em consideração as dimensões das peças desta morfologia.

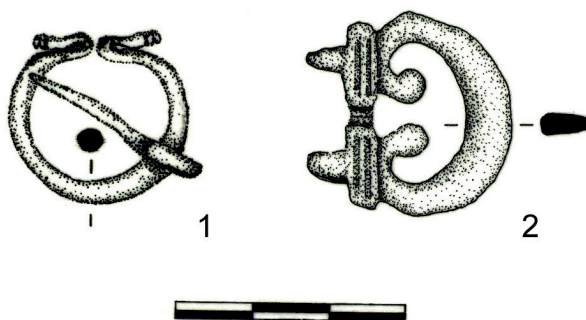


Fig.7- Metais de época histórica de Castelo Velho. Fíbula (1) e fivela (2) em liga de cobre.

A cronologia deste elemento de vestuário é algo problemática. Em trabalho recente, Andreia Arezes (2010; 2011) enquadrou esta mesma fivela numa ambiência estética «germânica», integrando-a no «tipo Simancas» e datando-a de entre finais do século IV a meados do V, com base num paralelo de Burgos (Palol Salellas 1969; Pérez Rodríguez-Aragón 1992). Todavia, há exemplos peninsulares que claramente contradizem esta classificação. Uma destas fivelas peltiformes ou em D procedente de Villasequilla de Yepes (Toledo) parece praticamente igual à de Castelo Velho, tendo sido datada de época pré-flávia por J. Aurrecoechea Fernández (1995-1996: 54; 2002: 424-5), com base em paralelos britânicos e marroquinos, cronologia mais ou menos

concorde com a que para a mesma peça propõe C. Fernández Ibañez, agora alargada às primeiras duas centúrias da nossa era (Fernández Ibañez 2007: 419-20). Uma outra fivela bastante idêntica apareceu em Herrera de Pisuergra, na bacia do Douro, apresentada por C. Pérez González (1996: 102) no contexto do espólio metálico relacionado com os assentamentos militares romanos documentados naquela cidade nos séculos I e II da nossa era¹.

Do mesmo modo, M. Bishop e J. Coulston, em obra clássica da *militaria romana*, ilustram fivelas praticamente iguais à de Castelo Velho utilizadas nos começos do principado de Augusto (Bishop; Coulston 2006: 108), constituindo o exemplo mais notável uma peça proveniente de Hod Hill, no Sul de Inglaterra, um forte que teve uma curta ocupação romana em meados do séc. I (Idem: 108, fig. 62, nº 15). Peças similares encontram-se noutros pontos do continente europeu², desde a Alemanha à Eslovénia, onde se regista um bem conservado exemplar, ainda com a placa articulada, recolhido em Rakova Jelša e datado igualmente do período augustano até ao início dos flávios (Istenič 2009: 304-5). Estas fivelas surgem por vezes com um banho de prata sobre o bronze (como no caso da fivela eslovena), apontando alguns autores uma ascendência germânica para este tipo, como fazem Bishop e Coulston, se bem que considerando em particular as placas dos cinturões (2006: 260), o que de algum modo pode estabelecer uma ponte com a cronologia tardia proposta por alguns dos autores peninsulares.

Desta forma, parece-nos bastante provável poder atribuir-se uma cronologia alto-imperial para a fivela de Castelo Velho, atentos os paralelos invocados e até as substanciais diferenças formais com os modelos tardo-romanos, mesmo os de origem germânica (Böhme 1974; Quast 1999; Bishop; Coulston 2006), podendo ensaiar-se uma observação comparativa entre os exemplos inventariados por M. Feugère (2002) no Sul de França³.

¹ Também neste local apareceu um fragmento de fivela do mesmo tipo feita sobre osso, igualmente considerada como de cronologia alto-imperial (Fernández Ibañez 2005).

² Cfr., por exemplo, <http://www.romancoins.info/MilitaryEquipment-cingulum.html> [consulta em Julho 2011].

³ Naturalmente, podem sempre registar-se perdurações tardias, como se observa numa fivela peltiforme proveniente de Burgos associada a uma placa do grupo designado como tipo «Santomé» por J. Aurrecochea (1999: 175, Fig. 3, nº 7), mas parecem-nos, face à evidência recolhida, casos relativamente excecionais.

Contexto arqueológico local e regional

O contexto espacial e estratigráfico em que ocorreram estas peças, que não é totalmente claro, foi analisado em detalhe por Alexandra Vieira (2015: 547-67 e em texto neste mesmo volume), pelo que necessariamente cruzaremos as nossas observações com as daquela autora.

O conjunto de *tegulae* e os dois fragmentos de cerâmica recolhidos nas campanhas de 1994 e 1997 procedem de uma área relativamente confinada situada no quadrante Sudeste do sítio, correspondente na referência convencional aos Quadrados C'13, C'14, E'13, E'14 e E'15 (Fig. 9; Jorge 1995; 1998c; Cfr. Vieira, neste volume)⁴, ou seja, uma área de cerca de 4 x 6 metros, sendo que dez dos fragmentos foram exumados nos quadrados D'13 e D'14, e apenas três peças na fiada imediatamente a Nascente, o que sugere alguma concentração destes vestígios.

Por sua vez, os dois cravos apareceram alguns metros a Este daquelas cerâmicas (G'14 e I'12), alargando a área de dispersão dos vestígios de época histórica, se assim pode dizer-se, para cerca de 12 x 8 metros. Já a fivela foi identificada cerca de 12 metros a Norte desta área, no quadrado C'6, e a fíbula em ómega a pouco mais de 20 metros a Noroeste, em G3 (Fig. 9; Vieira, *ibid.*). Importa notar que todos os metais têm registo de localização tridimensional, enquanto as cerâmicas estão identificadas apenas pela quadrícula e camada.

No plano estratigráfico, três das telhas foram recolhidas na camada «1/2», querendo traduzir certamente a área de transição entre os dois níveis, estando as restantes atribuídas à camada 2 (ocupação da Idade do Bronze), mas certamente correspondendo ao topo desta camada.

Alexandra Vieira procedeu a um minucioso esforço de recuperação da informação arqueográfica relacionável com as estruturas ou depósitos de eventual cronologia histórica, elementos dispersos em desenhos, fotografias e cadernos de campo, já que os relatórios e os textos publicados fornecem dados relativamente escassos sobre estes contextos. Esta autora identificou assim três áreas com maior evidência de estruturas posteriores às pré-históricas, em parte correlacionáveis com os objectos aqui tratados e outros de que há notícia (Vieira, neste volume).

⁴ Para não duplicar ilustrações, remetemos as referências à localização do espólio de época histórica, bem como à implantação das amostras datadas por C₁₄ para a planta geral do texto de A. Vieira neste volume.



Fig. 8 - Estruturas negativas identificadas na campanha de 1994 e relacionadas com eventuais níveis de ocupação de época histórica.

Na área A, compreendida entre os quadrados I'10, O'10, I'16 e O'16 (Fig. 9; Vieira, *Idem*), foi identificada uma construção de planta retangular, com cerca de 8,6 por 5,5 metros e muros com espessura na ordem dos 0,60/0,70 metros, como pode ver-se na planta apresentada por A. Vieira (*Ibidem*). Os restos deste edifício, designados na ocasião por *muro*, foram aparentemente relacionados com a memória popular de um antigo curral que teria existido no local, não se encontrando descrita a relação estratigráfica da estrutura com os depósitos subjacentes, se bem que se note que se encontraria de certo modo adossada à face externa do Murete Delimitador do Recinto (MDR) pré-histórico, em zona na qual a camada 1, superficial, se sobrepunha directamente à camada 3 (calcolítica), o que talvez permita supor que neste ponto a camada 2 (Idade do Bronze) poderá eventualmente ter sido retirada ou perturbada por esta ocupação histórica (Vieira, *Idem*). Desta área será proveniente uma «conta de vidro azul», que não pudemos observar (*Ibid.*) e ainda um dos cravos em ferro, aparecido no quadrado I'12 mas já no interior do MDR. Foi também ali recolhida

(quadrado M'12) a amostra cuja análise radiométrica indicou uma datação da época romana, que comentaremos mais adiante.

Identificada como «área B» por A. Vieira, define-se uma outra zona, poucos metros a poente da anterior, compreendida globalmente entre os quadrados B'13 a E'13, B'14 a E'14 e D'15 e E'15, onde foram encontrados «ao nível da camada 2, buracos de vários tamanhos» (Figuras 8 e 9), que conteriam, segundo Susana Soares Lopes, sementes carbonizadas (Vieira, neste vol.). Desta zona procede a totalidade do material cerâmico de cobertura que analisámos (11 fragmentos) e os dois fragmentos de louça doméstica. Em área imediatamente contígua (F'-G'-H' / 14-15 e G'16) o caderno de campo de 1998 regista «vestígios de ocupação histórica, com muitas pedras miúdas e terra castanha escura», correspondendo a um depósito assente directamente sobre a camada 3 (Idem) e ainda a «vestígios de estruturas muito perecíveis inseridos na camada 2, nos quadrados G'-H'14-15» (Idem), sendo de notar que foi recolhido neste ponto (G'14) o segundo dos cravos em ferro.

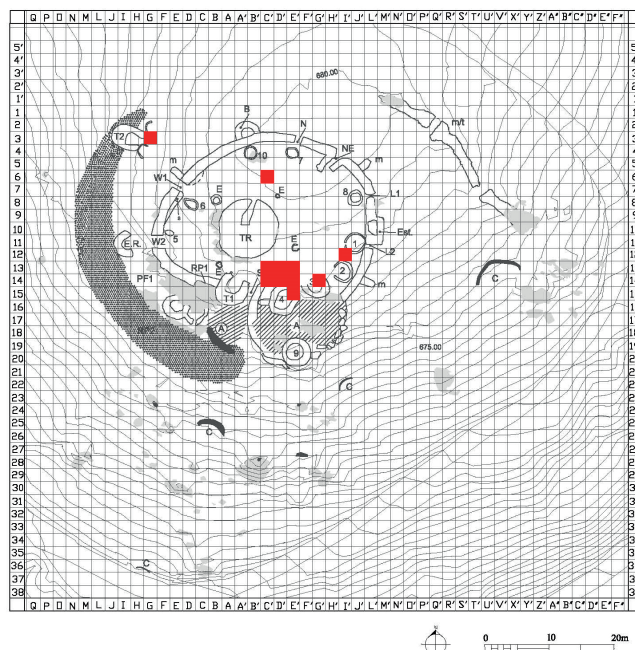


Fig.9-Planta final das estruturas arqueológicas registadas em Castelo Velho (2002). Marcadas a vermelho as quadrículas de onde são provenientes os materiais tratados no texto.

Por fim, a mesma investigadora distingue como «área C» uma outra zona a Oeste, situada nas quadrículas F15 a F17 e G16, onde em 2001 e 2002 terão aparecido «uma possível fossa (medieval?)» e «um possível bordo de *dolium*» (Vieira, *idem*), peça que não vimos.

Desta forma, a maior parte dos materiais que aqui tratamos parecem encontrar possível contexto em algumas estruturas posteriores ao ambiente pré-histórico, nomeadamente os «buracos» e as «estruturas muito perecíveis» identificados na área B. Pelo contrário, quer a fíbula (quadrado G3), quer a fivela de cinturão (C'6) procedem de locais onde aparentemente não se registaram outros vestígios evidentes de ocupação de época histórica.

Dadas as dificuldades de aferição do contexto e de datação dos próprios objetos, é algo despicienda a referência ao quadro arqueológico regional, sendo aliás numerosos os trabalhos que abordam os traços do povoamento romano do Baixo Côa e da área do concelho de Foz Côa em particular (e.g. Coixão 1996; 1997; 2008; Coixão; Trabulo 1998; Perestrelo 2003). Aliás, António de Sá Coixão, o melhor conhecedor da arqueologia de Foz Côa, testemunhou, a propósito da ocorrência de tegulae em Castelo Velho, que «logo ali ao lado há um sítio romano, nas Ameixoeiras, com uma lagareta [e] fornos que foram destruídos. Logo por baixo está a Figueira Preta, um sítio com ocupação romana e um lagar medieval» (cit. por Vieira, neste vol.).

Discussão. Cronologias

Entre as três dezenas de datações por C14 feitas a partir de amostras de Castelo Velho, quatro delas referem-se a contextos históricos (Jorge; Rubinos 2002a; 2002b), a saber:

- Amostra 8 (ICEN 881), Qd. G'6⁵ - 900±45 BP = 1024-1221 cal AD
- Amostra 17 (CSIC 1334), Qd. D'13 - 676±25 BP = 1280-1389 cal AD
- Amostra 22 (GrN 23508), Qd. B13 - 750±50 BP = 1184-1387 cal AD
- Amostra 28 (CSIC 1656), Qd. M'12 - 1899±38 BP = 24-227 cal AD

⁵ Segundo a correcção de A. Vieira (neste volume), sendo errónea a localização na quadrícula G'16 referida em Jorge; Rubinos 2002a:92.

Desconhecemos a natureza das amostras datadas e o seu contexto arqueológico preciso, bem como o espólio arqueológico da sua envolvente imediata. Susana Soares Lopes e António Rubinos (2002a) indicam apenas a profundidade a que foram colhidas e especificam que as amostras 8 e 22 provêm de áreas de combustão, a nº 28 de uma «acumulação de carvão» e a nº 17 de uma «depressão que continha considerável quantidade de carvão», considerando ainda que correspondem a contextos de reocupação da elevação após o seu abandono e condenação na Idade do Bronze e remetendo uma análise mais fina para os estudos a desenvolver sobre a ocupação do Castelo Velho em épocas históricas (Jorge; Rubinos 2002a: 92-3).

Em comentário mais detalhado, estes mesmos autores registam que, do ponto de vista estratigráfico, não se observaram nos locais de recolha das amostras, com a possível exceção da nº 17, evidências de qualquer alteração na camada 2 que pudesse indicar movimentos ou alterações superficiais, afirmando mesmo que – não fora a presença de restos vestigiais de estruturas e espólio medieval em alguns setores – as três datas respeitantes à Idade Média poderiam mesmo ser consideradas anómalas no contexto do sítio (Jorge; Rubinos 2002a: 93). Já a datação relativa à época romana, segundo os mesmos autores, aparece isolada e não permitirá, por si só, reivindicar uma ocupação do Castelo Velho nesse período (Idem, p. 93), se bem que reconheçam que esta mesma data «may correlate with metal» (Ibidem, nota 3), provavelmente referindo-se ao cravo em ferro aparecido em I'12, a cerca de quatro metros do local de recolha da amostra.

Recorrendo ao método da soma das probabilidades, S. Soares Lopes e A. Rubinos afinam um pouco as fases de ocupação histórica do Castelo Velho evidenciadas pelas datações radiocarbónicas, o que lhes permitiu repositonar entre os anos de 54 e 135 cal A.D. o «momento romano», se bem que com um grau de probabilidade baixo, e nos intervalos 1037-1144, 1150-1321 e 1350-1390 cal AD as amostras medievais, concluindo, a este propósito, que «it is possible to assert with confidence that there was some occupation, at a particular moment during the 13th-14th centuries», devido à coincidência das datas atinentes à Idade Média (Idem, p. 96).

A leitura destes dados por parte de Alexandra Vieira, à luz da recuperação dos dados arqueográficos dos contextos de época histórica, não permitiu – face à escassez e dispersão do espólio histórico e à dificuldade de interpretação das estruturas que talvez se lhe pudessem associar – uma total

conexão espacial e estratigráfica entre os diferentes registos, reconhecendo, todavia, que «parece haver uma coincidência entre níveis históricos, materiais e datações de C14» (Vieira, neste vol.).

Com efeito, o eventual relacionamento entre as datações radiométricas históricas e a evidência arqueológica representada pelo espólio e estruturas posteriores ao abandono do complexo, não é possível no plano estratigráfico como também é bastante frágil no quadro espacial, já que apenas duas das amostras datadas estavam relativamente próximas de outros vestígios relevantes: a amostra 28 (séc. I-II), proveniente do Quadrado M'12, zona da construção quadrangular exterior ao MDR, a uns quatro metros do local de achado de um cravo em ferro e a outro tanto de uma aparente conta azul em pasta vítrea mencionada por A. Vieira; e a amostra 17, na quadrícula D'13, integrada na área onde ocorreram todas as cerâmicas aqui estudadas, e que forneceu uma data entre os anos de 1280 e 1389 cal AD.

Deste modo, os materiais arqueológicos agora estudados não acrescentam muito à definição dos diferentes momentos de ocupação do Castelo Velho em tempos históricos, uma vez que, à exceção da fivela, admitem cronologias muito amplas ou são praticamente impossíveis de classificar, como sucede com os dois pequenos fragmentos cerâmicos.

Numa primeira observação deste espólio admitimos que pudesse globalmente atribuir-se ao período tardo-romano ou da Antiguidade Tardia. Desconhecíamos então quer as datações por C14 entretanto publicadas, quer mesmo a presença de outros materiais posteriores à ocupação do Castelo Velho nos 3º e 2º milénios a.C. Considerados estes dados e analisados mais em detalhe os objetos que nos foram confiados, nomeadamente a fivela, podemos tentar ensaiar uma correlação genérica – mesmo por vezes sem coincidência espacial ou articulação com qualquer estrutura ou depósito «dissonante» – entre as datas radiométricas e os achados.

Propomos assim, três hipóteses de «re-ocupação» do sítio do Castelo Velho, porventura parcial e de pouca duração, como a escassez dos restos associados parece sugerir. Trata-se, naturalmente, de um exercício bastante especulativo mas que pretende lançar pistas de articulação entre os objetos que analisámos e as datações absolutas disponíveis para os horizontes históricos.

a) Época romana – séculos I-II

A proposta de enquadramento cronológico que fizemos para a fivela pode dar algum «conteúdo artefactual» aos resultados da datação radiométrica da amostra 28, colhida na área A e na zona onde foi identificada uma construção ortogonal (Vieira, neste vol.). No mesmo local terá aparecido uma «conta azul», que não pudemos observar. A tratar-se, como parece provável, de uma conta discoide em pasta vítrea, corresponde a um tipo de objeto muito comum, tanto em contextos da Idade do Ferro, como romanos e tardo-antigos. A admitir-se que possa datar dos primeiros séculos da nossa era, poderia hipoteticamente articular-se cronologicamente a referida conta com a fivela.

A poucos metros desta «Área A» apareceram os dois pequenos cravos em ferro, que consideramos de ambiência muito provavelmente romana e podendo perfeitamente, neste caso, atribuir-se ao Alto Império. O mesmo sucede, por fim, com a fíbula em ómega, um tipo de circulação temporal muito estendida, como notámos, mas que conta com numerosíssimos paralelos tanto em castros romanizados como em outros sítios de época alto-imperial (Silva 1986: 192, est. CVII; Silva; Ribeiro 1999: 374; Silva 2004: 243; Ponte 2006: 487), parecendo de algum modo confirmar a proposta cronológica de R. Hattat (1982: 127-128) para o que designa como «tipo B» desta variedade de fíbulas anulares nas ilhas britânicas. Nada obsta, ainda, a que o material cerâmico de construção corresponda igualmente a este ambiente cronológico.

b) Época tardo-antiga – aproximadamente séculos IV-VI

Neste período, não sustentado por qualquer datação radiométrica entre as efetuadas em Castelo Velho, situaríamos eventualmente, com naturais reservas, os dois fragmentos de cerâmica doméstica. Pelas razões já expostas, o material cerâmico de construção poderia também considerar-se nesta fase, bem como os cravos ou a fíbula em ómega.

c) Época medieval – entre os séculos XI e XIV

Resta por fim a ocupação durante a Idade Média, claramente indicada por três das quatro datações para o período histórico, com um grau de probabilidade acrescido para os séculos XIII-XIV (Jorge; Rubinos 2002a:95-6), mas em nada sustentada pelo espólio recolhido, em nossa opinião como na de A. Vieira (neste vol.). Na verdade, mesmo admitindo o fabrico medieval das louças a que correspondem os dois pequenos fragmentos exumados, não nos parece razoável admitir uma cronologia tão tardia, considerando as características da pasta e do fabrico. Do mesmo modo, entendemos também muito improvável que possa atribuir-se à Baixa Idade Média a utilização das tégulas de Castelo Velho, mesmo reconhecendo que o uso deste tipo de telha plana ultrapassa largamente o âmbito temporal do Império.

Assim, e em conclusão, entendemos que da leitura articulada das datas de radiocarbono com a análise do espólio tratado neste texto, parece seguro que o Castelo Velho teve alguma forma de reocupação nos primeiros séculos da nossa era. É possível que o sítio continuasse a ser frequentado, eventualmente com a instalação de quaisquer estruturas feitas em materiais mais ou menos perecíveis, nos séculos subsequentes, nomeadamente durante a Idade Média.

Aspeto que os dados arqueológicos não esclarecem é o da natureza ou funcionalidade dessas «ocupações», que parecem ter deixado vestígios relativamente parcos. O fecho de cinturão romano remete para contextos de utilização (por vezes funerários) normalmente associados à presença de corpos militares, se bem que o seu eventual uso por parte de civis esteja ainda por aprofundar (Fernández Ibañez 2007), não sendo de descartar que tais peças, próprias da indumentária do exército, pudessem ocasionalmente adornar outras personalidades, nomeadamente no Baixo Império, como observam Quast (1999) e Aurrecoechea (1999).

Todavia, a admitir-se a proveniência militar da fivela, e imaginando mesmo que também a fíbula em ómega possa ser originária de elementos militares, bem como os dois pequenos cravos – quem sabe se restos de *caligae* de soldados – onde chegaríamos? A que algum destacamento de tropas auxiliares tenha estado durante alguns dias acampado no Castelo Velho em eventual missão de vigia? A recriação de sentidos, mesmo simples hipóteses explicativas, a partir de dados tão esparsos, no plano material dos espólios

como no estratigráfico, levar-nos-ia rapidamente a exercícios ficcionais cuja plausibilidade assenta apenas na retórica da argumentação ou na benevolência do leitor.

Seria útil sem dúvida, para melhor entender as ocupações históricas de Castelo Velho, reunir todos os objetos desta cronologia, aliás referidos por A. Vieira (neste vol.) e averiguar se outros não existirão entre o espólio que não foi ainda alvo de estudo mais aprofundado, como é o caso do da zona exterior ao recinto pré-histórico a Nascente (*Idem*). Por outro lado, este pequeno ensaio interpretativo, bem como o esforço de pesquisa de A. Vieira, mais fundamentado nos documentos da escavação que o nosso, evidenciam também as limitações do registo estratigráfico convencional para reconhecer, descrever e interpretar certas discontinuidades na sequência deposicional, decorrentes de ações humanas breves e de pouca afetação espacial – uma pequena mancha de terras dissonante, restos da limpeza de uma lareira, cavidades ou concentrações de quaisquer materiais – que precisamente por escaparem ao expectável, ao paradigma mental dos «grandes ciclos» de ocupação, se tornam mais difíceis de apreender. A grande vantagem da escavação e registo em ambiente de matriz Harris é a nosso ver, mesmo em contextos estratigráficos aparentemente «pouco complexos» (se é que existem), a de colocar o escavador perante um cenário de neutralidade e igualdade perante todas as evidências de ações testemunhadas no processo deposicional, mesmo de pouca espessura e superfície e sem representação nos cortes estratigráficos.

Assim, teremos talvez de contentarmo-nos, por ora, em acrescentar ao registo arqueológico do Castelo Velho, a confirmação de outros momentos de «ocupação» em diferentes épocas históricas, designadamente durante o período do domínio romano na região. O aparente desfasamento entre os vestígios artefactuais dessa antiga frequência do monte e algumas datas radiométricas, não deverá surpreender, tanto mais que são globalmente desconhecidas as ações humanas que produziram as amostras eleitas para datação.

A biografia de um sítio arqueológico, para retomar o conceito de Alexandra Vieira, tem – como a biografia de qualquer indivíduo – fases de maior iluminação ou opacidade, em função do impacte das ações que locais ou pessoas tiveram, enquanto palcos ou agentes, e do conseqüente resíduo material dessas mesmas ações. No final, pese embora a extraordinária desproporção

entre os vestígios das comunidades que entre o 3º e o 2º milénios a.C. fizeram daquela cumeada local excecional, de eleição e investimento simbólico (Jorge 1998a; 1998b; 2002a; 2004) e os restos esparsos dessoutros grupos ou indivíduos que, após o abandono e selagem do monumento pré-histórico, marcaram a sua presença no monte, utilizando-o como posto de vigia estratégico, local de recolção de pedra para construção ou simples ponto estacional de pastoreio, o que sabemos ou julgamos entender não é mais que uma apaixonante reflexão sobre o passado, convocando naturalmente as observações, estudos e reflexões de muitos outros, mas essencialmente indagação (e, humanamente, também divagação) sobre um passado que pela sua própria temporalidadenãopodemosjáconstruirousequerreconstruir, apenas recriar, à luz da nossa perspicácia e limitações.

Créditos e agradecimentos

Agradecemos a Ulrike Busch, Andreia Arezes, Gonçalves Guimarães e Lurdes Oliveira a sugestão e cedência de bibliografia e outros elementos, e a Alexandra Vieira, para além de imagens, a partilha prévio do texto com que colaborou neste volume. Agradecemos em particular a Susana Soares Lopes o convite para o estudo destes materiais e os oportunos comentários e sugestões que fez ao texto final. Os desenhos de espólio foram feitos por M. J. Santos (cravos); a planta geral é do arquivo da intervenção. As fotografias são do autor, salvo a da campanha de 1994, que pertence ao arquivo das escavações, e a Fig. 1, que foi reproduzida da página https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Castelo_Velho_de_Freixo_de_Numão (sob licença [Creative Commons Attribution - Share Alike 3.0 Unported](#)).

BIBLIOGRAFIA

Arezes, A. C. M. 2010. *Elementos de adorno altimediévicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vols. Porto. Texto datilografado

Arezes, A. C. M. 2011. *Elementos de adorno altimediévicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Noia: Toxosoutos

Aurrecoechea Fernández, J. 1995-1996. Las guarniciones de cinturón y atalaje de tipología militar en la Hispania Romana, a tenor de los bronce hallados en la Meseta Sur. *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas*, 10. Madrid, p. 49-99

Aurrecoechea Fernández, J. 1999. Origen, difusión y tipología de los broches de cinturón en la Hispania tardorromana. *Archivo Español de Arqueología*, 72. Madrid, p. 167-197

Aurrecoechea Fernández, J. 2002. Aproximación al conocimiento de los cinturones militares de época altoimperial en Hispania, a través de sus accesorios metálicos. In Morillo Cerdán, A., coord., *Arqueología Militar Romana en Hispania (Gladius. Anejos 5)*, Madrid, p. 419-435

Bishop, M. C.; Coulston, J. C. N. 2006. *Roman Military Equipment from the Punic Wars to the Fall of Rome*. 2nd ed. Oxford: Oxbow Books

Böhme, H. W. 1974. *Germanische Grabfunde des 4. bis 5. jahrhunderts zwischen unterer Elbe und Loire*. München: C.H.Beck'sche Verlagsbuchhandlung

Cardoso, A. 1972. Subsídios para o estudo das telhas romanas. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série História*. 2. Porto, p. 201-8

Coixão, A. N. S. 1996. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal

Coixão, A. N. S. 1997. *Um projecto, a investigação, a musealização e um circuito. Complexo Arqueológico de Freixo de Numão [1980-1996]*. Freixo de Numão: A.C.D.R., s.d. [1997]

Coixão, A. N. S. 2008. Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização. In *Actas das sessões do 3º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira-Interior*. Vol. 3. Porto: A.C.D.R., p. 29-55

Coixão, A. N. S.; Trábulo, A. 1998. Romanização na área do actual concelho de Foz Côa. *Coavisão. Cultura e Ciência*. 0. Vila Nova de Foz Côa, p. 49-56

Fernández Ibañez, C. 2005. Hebilla de *balteus militae* en hueso de época altoimperial procedente de Herrera de Pisuerga (Palencia). *Sautuola*, 11. Santander, p. 213-219

Fernández Ibañez, C. 2007. La metalistería militar de Hispania en época altoimperial. *Sautuola*. 13. Santander, p. 403-26

Feugère, M. 2002. Militaria de Gaule Méridionale, 19. Le mobilier militaire romain dans le Département de l'Hérault (F). *Gladius*, 22. Madrid, p. 73-126

Fowler, E. 1960. The origins and development of the penannular brooch in Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*. New Series. 26. Cambridge, p. 149-77

Guimarães, G. 1993. Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do rio Douro: as tegulae. Lvcerna. Segunda Série. 3 [Actas 6º Colóquio Portuense de Arqueologia, 1987]. Porto, p. 217-35

Hattat, R. 1982. *Ancient and Roman British Broochs*. New York: Dorset Publishing Company

Hattat, R. 1985. *Iron Age and Roman brooches*. A second selection of brooches from the author's collection. Oxford: Oxbow books

Istenič, J. 2009. Roman period. In Turk, P. et al. (eds.), *The Ljubljana – a river and its past*. Ljubljana: Narodni muzej Slovenije

Jorge, S. O. 1993. O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 33 (1-2) [Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular: Actas. 1]. Porto, p. 179-216

Jorge, S. O. 1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*. 2ª Série 9. Porto, p. 447-546

Jorge, S. O. 1995. *Projecto PCSH/S/315/HIS. Povoado pré-histórico do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 6ª Campanha – Agosto-Outubro de 1994. Relatório de progresso...* Porto. Texto dactilografado

Jorge, S. O. 1998a. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. *Estudos Pré-Históricos*. 6. Viseu, p. 279-293

Jorge, S. O. 1998b. Later prehistoric monuments of Northern Portugal: some remarks. *Journal of Iberian Archaeology*. 0. Porto, p. 105-13

Jorge, S. O. 1998c *Estação pré-histórica de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 7ª Campanha – Junho/Julho de 1997. Relatório...* Porto. Texto dactilografado

Jorge, S. O. 1999. *Domesticar a terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*. Lisboa: Gradiva

Jorge, S. O. 2002a. Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Património. Estudos*. 3. Lisboa, p. 145-64

Jorge, S. O. 2002b. A musealização e valorização de sítios arqueológicos: o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão. In Actas do Simpósio «Conservação e Intervenção

em *Sítios Arqueológicos e Monumentos Históricos*». Porto/Paredes de Coura: UPIDH/CMPC, p. 125-33

Jorge, S. O. 2004. O sítio como mediador de sentido. Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. In VV.AA. – Estudos em homenagem a *Luís António de Oliveira Ramos*. 2. Porto: Faculdade de Letras, p. 583-611

Jorge, S. O.; Rubinos, A. 2002a. Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (Northern Portugal): data and problems. *Journal of Iberian Archaeology*. 4. Porto, p. 83-105

Jorge, S. O.; Rubinos, A. 2002b. Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os dados e os problemas. *Côavisão, Cultura e Ciência*. 4. Vila Nova de Foz Côa, p. 95-111

Mariné Isidro, M. 2007. Las fíbulas en la España romana: alfileres para la historia. *Sautuola*, 13. Santander, p. 131-144

Medina, Esther. 2016. Una necrópolis al costat de la via romana de la plaça del Pedró (Barcelona). *Quarhis*, 12. Barcelona, p. 181-193

Munsell Soil Color Charts 1994. Revised Edition. New York: Macbeth Division of Kollmorgen Instruments Corporation

Palol Salellas, P. 1969. La necropolis de San Miguel del Arroyo y los Broches Hispanorromanos del siglo IV. *B.S.A.A.* 34-35, p. 93-160

Perestrelo, M. S. 2003. *A Romanização na bacia do rio Côa*. S.l.: P.A.V.C., s.d. [2003]

Pérez González, C. 1996. Asentamientos militares en Herrera de Pisuerga. In Fernández Ochoa, C., coord. – *Los finisterres atlánticos en la Antigüedad. Época prerromana y romana (Coloquio internacional)*. Madrid: Electa, p. 91-102

Pérez Losada, F. 1992. Contribución ó estudio da cerâmica de construción na Galicia Romana (I). In *Galicia: da romanidade á xermanización. Problemas históricos e culturais. Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 241-61

Pérez Rodríguez-Aragón, F. 1992. Los cingulae militae tardorromanos de la Península Ibérica. *B.S.A.A.* 58, p. 239-61

Ponte, Salete da, 2006. *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio

Ponte, Salete da, 2007. Las fíbulas romanas de Portugal. *Sautuola*, 13. Santander, p. 145-166

Quast, D. 1999. Garnitures de ceintures méditerranéennes à plaques cloisonnées des V^e et début VI^e siècles. *Antiquités nationales*. 31 (1999), Saint-Germain-en-Laye, p. 233-50

Silva, A. C. F. 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal/M.A.C.S. [2ª ed. rev., 2007]

Silva, A. M. S. P., coord. 2004. *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal

Silva, A. M. S. P.; Ribeiro, M. C. S. 1999. A intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro). Do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida - In memoriam*. 2. Porto: Fac. Letras Univ. do Porto, p. 363-374

Vieira, A. F. 2015. Contributo para o estudo dos vestígios arqueológicos – do VI ao I Milénio a.C. Paisagens e memórias na bacia hidrográfica do Douro. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Porto

Vieira, A. F. [neste volume] – Breves apontamentos para uma biografia de Castelo Velho de Freixo de Numão.

CATÁLOGO

Objeto

Referência de contexto (campanha, quadrado, camada) e nº de inventário

Medidas (cm): eixo maior x eixo menor x espessura

Descrição

Cronologia; Figuras

CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO

Fragmento de tegula (parte interior)

CSTVL94. E'13. C 2. Inv. 555

7 x 5,7 x 2,4 espessura

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/4) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes elementos não plásticos (enp), sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (ângulo)

CSTVL94. D'13. C 2. Inv. 3306

7,7 x 7 x 2,4 espess. (3,3 com a altura do rebordo)

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/6) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno e médio calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato.

Cronologia: Época Romana. Figs. 3.2 e 6.1

Fragmento de *tegula* (ângulo)

CSTVL94. D'13. C 2. Inv. 3307

8,2 x 4 x 3 espess. (5,2 com a altura do rebordo)

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/4) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato.

Cronologia: Época Romana. Figs. 3.1 e 6.3

Fragmento de *tegula* (rebordo de topo)

CSTVL94. D'13. C 2. Inv. 3308

7,3 x 4 x 2,5 espess. (5,2 com a altura do rebordo)

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/4) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também um grande fragmento de feldspato.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (parte interior)

CSTVL94. D'13. C 2. Inv. 3309

8,3 x 5,6 x 2,6 espess.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/3) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (parte interior)

CSTVL94. D'13. C 2. Inv. 3310

7,1 x 5,3 x 2,5 espess.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/3) de cor homogénea no cerne e

em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato, alguns de grande calibre.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (parte interior)

CSTVL97. D'14. C 1/2. Inv. s/n

9,3 x 5,6 x 2,5 espess.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/3) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (parte interior)

CSTVL97. D'14. C 1/2. Inv. s/n

14 x 9,5 x 2,7/2,9 espess.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/3) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato. Apresenta espessura irregular, fruto de empenamento na cozedura.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (parte interior)

CSTVL97. D'14. C 1/2. Inv. s/n

11,2 x 8,3 x 2,5 espess.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/4) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato.

Cronologia: Época Romana.

Fragmento de *tegula* (com rebordo lateral)

CSTVL97. E'14. C 1/2. Inv. s/n

9,8 x 7,8 x 3 espess. (5,2 com a altura do rebordo)

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/3) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato.

Colado com o fragmento seguinte.

Cronologia: Época Romana. Fig. 3.4

Fragmento de *tegula* (ângulo)

CSTVL97. E'15. C 1. Inv. s/n

7 x 5,5 x 3 espess. (5,2 com a altura do rebordo)

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/6) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre, vendo-se também fragmentos de feldspato. Colado com o fragmento anterior.

Cronologia: Época Romana. Figs. 3.3 e 6.2

CERÂMICA DOMÉSTICA

Fragmento de bordo de recipiente

CSTVL94. D'13. C 2. Inv. 3311

7 x 5,7 x 2,4 espessura

Fragmento de bordo de orientação subvertical e lábio arredondado. Parece procedente de um pequeno pote ovóide de colo estrangulado, com c. de 15 cm de diâmetro de boca.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/6) de cor homogénea no cerne e em ambas as faces, muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre. Boa cozedura; vestígios de roda e alisamento na superfície exterior.

Cronologia: Época tardo-antiga. Figs. 2.2 e 5.2

Fragmento de pança de recipiente, com carena

CSTVL97. D'14. C 1. Inv. s/n

7 x 5,7 x 2,4 espessura

Fragmento de bojo de recipiente, de carena média (?); forma indeterminada.

Pasta castanho-alaranjada (aprox. Munsell 5YR 5/6) de cor homogénea no cerne mas mais escura nas faces. Pasta muito compacta, com abundantes enp, sobretudo quartzo de pequeno, médio e grande calibre. Vestígios de roda e alisamento em ambas as superfícies.

Cronologia: Época tardo-antiga. Figs. 2.1 e 5.1

OBJETOS EM METAL

Fíbula. Liga de cobre

CSTVL92. G3. C. 2. Coordenadas: x145; y145; z30. Inv. s/n

Fíbula em ómega, completa. O aro mede cerca de 3,5 de diâmetro médio e o fuzilhão 2,7 de comprimento. Pesa 3,9 gr.

O aro é de secção circular com os extremos voltados para o exterior e terminados por um espessamento com moldura anelar; o fuzilhão liga-se ao corpo principal por um aro perfurado de secção circular. Encontra-se relativamente bem conservada e foi alvo de tratamento laboratorial em 1995 (limpeza mecânica, estabilização com benzotriazole).

Cronologia: Época Romana. Figs. 4.1 e 7.1

Fivela. Liga de cobre

CSTVL94. C'6. C. 2. Coordenadas: x54; y62; z65 (ab). Inv. s/n

Fivela, provavelmente de cinturão, constituída por um aro de configuração em D com as terminações ou volutas voltadas para dentro. Contra estas apoia-se a charneira, feita por duas plaquetas retangulares com dois tracinhos cavados, ornamentais, de onde saem dois aros verticais que sustentariam o eixo que prendia quer o fuzilhão, quer a placa. Mede 2,7 por 2,2, tem secção em fita e pesa 5,9 gr. Encontra-se relativamente bem conservada.

Cronologia: Época Romana (sécs. I-II). Figs. 4.2 e 7.2

Cravo. Ferro

CSTVL98. G'14. C 2. Recolha: 24/6/98. Peça acompanhada de um apontamento com esquema de coordenadas. Inv. s/n

Pequeno cravo com haste de 1,7 (aparentemente completa) e cabeça plana arredondada com 1,7 de diâmetro. 1,6 g. Encontra-se mal conservado e não foi objeto de tratamento laboratorial.

Cronologia: Época Romana ou Tardo-antiga. Fig. 4.3

Cravo. Ferro

CSTVL98. I'12. C 2. Recolha: 3/7/98. Coordenadas: x45; y180; z1,60. Inv. s/n

Pequeno cravo com haste de 1,4 (aparentemente completa) e cabeça plana subquadrangular com 1,4 de lado, ligada à haste junto a um dos lados. 1,6 g. Encontra-se mal conservado e não foi objeto de tratamento laboratorial.

Cronologia: Época Romana ou Tardo-antiga. Fig. 4.